

VISÃO DO CORREIO

O limite da força bruta no Irã

Na teoria militar clássica, a doutrina da “decapitação” pressupõe que a eliminação física dos líderes de um Estado ou regime adversário é o caminho mais curto para provocar o colapso de suas instituições, a desorientação de suas tropas e, em última instância, a rendição. No entanto, o que o mundo observa hoje no Oriente Médio, semanas após a ofensiva sem precedentes dos Estados Unidos e de Israel contra o alto-comando do Irã, subverte os manuais de guerra. A expectativa de que o assassinato do líder supremo, aiatolá Ali Khamenei, e do núcleo duro da Defesa precipitaria a desintegração imediata da República Islâmica não se confirmou na prática. Longe de um esfacelamento interno ou da paralisia de suas forças armadas, o regime iraniano demonstra uma resiliência operacional que desafia o cálculo estratégico de Washington e Tel Aviv. Sem fazer qualquer concessão moral a uma teocracia autocrática, a análise fria e objetiva dos fatos revela um Estado que absorveu um golpe letal, reorganizou-se nas sombras e manteve sua engrenagem de poder ativa. Nem a morte do secretário de Segurança Ali Larijani, um dos homens mais fortes do regime, na última terça-feira, abalou o planejamento que o Irã faz da guerra. O emblema mais contundente dessa sobrevida institucional é o cenário no Estreito de Ormuz. Mesmo sob intenso bombardeio, Teerã continua a exercer controle sobre o gargalo por onde escoam as artérias energéticas globais. A continuidade da mobilização militar, o disparo coordenado de mísseis e a coesão de suas linhas de defesa indicam que a Guarda Revolucionária possui um sistema de comando descentralizado e redundâncias táticas que foram subestimadas pelos serviços de inteligência rivais. O Irã prova,

a um custo altíssimo, que o seu Estado é independente das figuras que o governavam. O apelo que os EUA fizeram para que aliados se engajassem na liberação do Estreito de Ormuz foi pessimamente recebido. As outras potências, como França e Reino Unido, não se mostraram dispostas a enviar navios e armas para tentar forçar uma passagem das embarcações de petróleo que estão empacadas no Golfo Pérsico. A leitura pragmática do teatro de operações é severa: a via da força bruta atingiu o seu limite de eficácia. A ausência de apoio do resto do mundo aponta claramente: a aposta de que mais bombardeios trarão a submissão de um regime que já demonstrou estar disposto a ir às últimas consequências é uma ilusão que custará o mergulho da economia global em uma recessão sem precedentes e, no pior dos cenários, a escalada para um conflito não convencional. Diante do impasse de uma guerra que não produziu os resultados rápidos que seus deflagradores prometeram, a comunidade internacional precisa abandonar a letargia. O esgotamento da solução militar impõe uma guinada de rota. Por mais amarga, politicamente custosa e desgastante que pareça neste momento de ânimos acirrados, a via diplomática deve ser tentada mais uma vez. Buscar um cessar-fogo estruturado não é um atestado de fraqueza, mas o reconhecimento maduro de que a aniquilação mútua não serve aos interesses de nenhuma nação. Quando a resistência de um lado e o poderio do outro criam um empate técnico, a diplomacia deixa de ser uma opção idealista para se consolidar como o único instrumento prático capaz de salvar o que resta da estabilidade global.

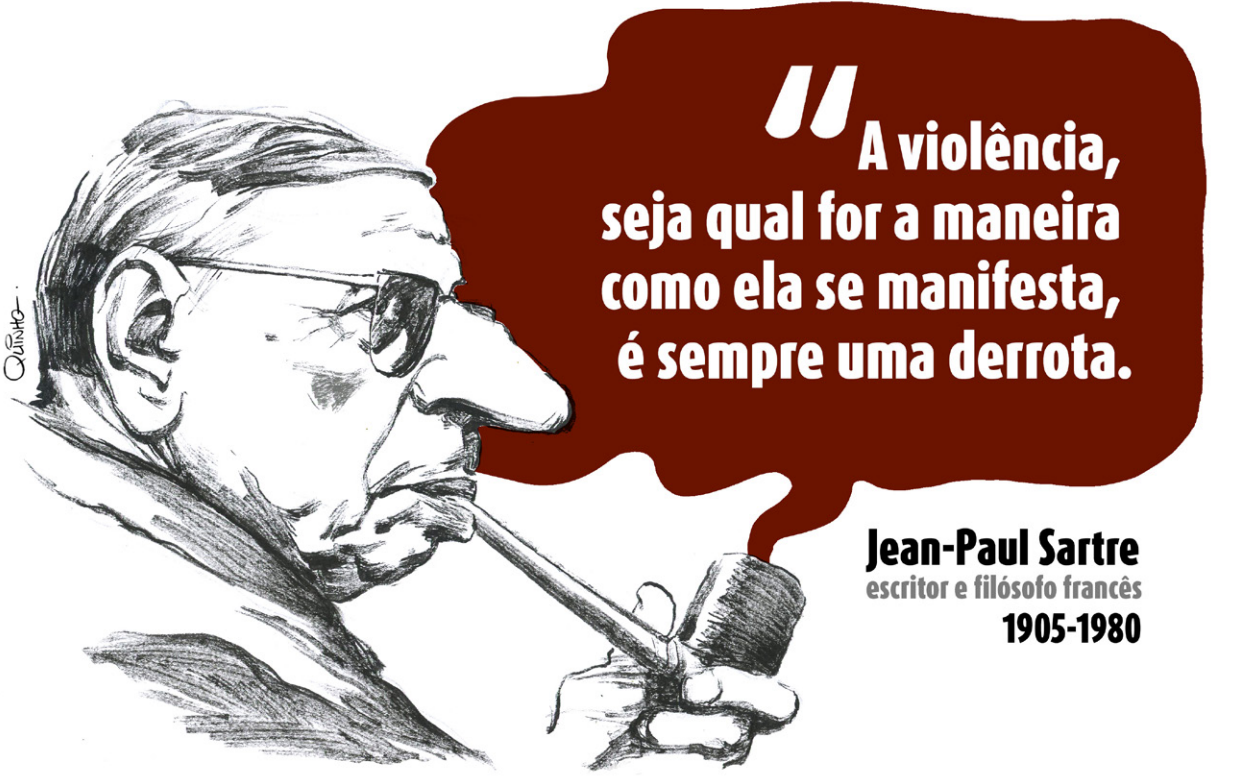


ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Prefiro não saber

A possível revelação da identidade de Banksy, transformada em um dos assuntos mais comentados da semana nas redes sociais, diz menos sobre o artista em si do que sobre uma obsessão contemporânea: a de acreditar que todo mistério precisa ser desfeito. Penso o contrário. Nem tudo o que pode ser descoberto precisa, de fato, ser revelado. No caso de Banksy, preservar o anonimato não se trata de um capricho performático, mas parte constitutiva de sua obra, de sua linguagem e de sua crítica ao poder. Há, claro, um interesse jornalístico em torno de qualquer apuração robusta sobre um personagem de relevância global. É legítimo. Mas é preciso separar o valor da investigação do direito automático à exposição total da vida de alguém. Banksy construiu uma trajetória singular justamente porque fez do pseudônimo não apenas uma proteção individual, mas um recurso estético e político. Ao esconder o rosto, deslocou o foco para a mensagem. Em tempos de culto à personalidade, sua escolha sempre teve algo de contracultural. E há uma razão adicional para isso. O anonimato, nesse caso, também funciona como escudo contra retaliações de toda ordem. Banksy fez fama ao criticar elites políticas e econômicas. Não se trata de alguém que se oculta para cometer crimes em série, disseminar ódio ou sabotar a vida alheia. Trata-se de um artista que, mesmo convertido em fenômeno global, continua produzindo arte de rua, preservando a dimensão pública e provocadora de seu trabalho. Qual dano concreto estava causando a alguém ao se proteger por meio de um pseudônimo? A tradição cultural, aliás, oferece amplo

amparo a esse direito. O anonimato e o uso de nomes fictícios acompanham há séculos a literatura, a imprensa e as artes. No *Dicionário Literário Brasileiro*, de Raimundo de Menezes, há o registro de quase 2 mil pseudônimos de escritores. Não é um detalhe exótico. É um traço histórico. Em muitos casos, o nome inventado serviu para driblar preconceitos, escapar da censura, separar vidas públicas e privadas ou simplesmente permitir maior liberdade criativa. O pseudônimo nunca foi, por si só, uma fraude moral. Sou favorável a ocultar a identidade sempre que não sirva de abrigo para a prática de crimes. Esse ponto é decisivo. O anonimato vale quando protege a criação, a crítica, a dissidência, a liberdade de expressão. Deixa de ser válido quando vira instrumento de destruição, intimidação ou irresponsabilidade. É por isso que não se pode confundir a opção estética e política de Banksy com a pura depredação sem propósito. Sou contra a pixação quando ela não apresenta qualquer intenção comunicativa ou artística. Da mesma forma, nas redes sociais, perfis anônimos que apenas insultam, ameaçam ou espalham desinformação não merecem a proteção romântica da clandestinidade. Liberdade não é licença para a barbárie. Vivemos uma época em que se exige transparência absoluta até onde só deveria existir reserva legítima. Convém resistir a esse impulso. Há anonimatos abusivos, sem dúvida. Mas há também os necessários, inteligentes e até civilizatórios. O de Banksy sempre me pareceu um deles. E já que o mundo anda tão empenhado em arrancar máscaras, faço um apelo: não tentem descobrir quem é Elena Ferrante, por favor.



Jean-Paul Sartre
escritor e filósofo francês
1905-1980

Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Coração hídrico

A Serrinha do Paranoá não é apenas uma moldura geográfica do Lago Norte, é o coração hídrico que pulsa para manter o Lago Paranoá vivo. Como moradora, produtora rural e defensora da região, acompanho com profunda preocupação a pressão urbanística que ignora a fragilidade do nosso Cerrado. Não se trata apenas de lazer ou estética, mas de sobrevivência ambiental. Cada nascente sufocada por projetos urbanísticos sem o devido rigor ecológico é um passo em direção à insegurança hídrica de toda a capital. Precisamos que o GDF e os órgãos de fiscalização olhem para a Serrinha como o patrimônio coletivo que ela é, garantindo o respeito às zonas de recarga de aquíferos. Desenvolvimento que não preserva a água é, na verdade, retrocesso. Brasília não pode dar as costas para o berço de suas águas.

» **Mônica Peres**
Presidente do Conselho Rural do Lago Norte

Ingerência indevida

Temos acompanhado notícias sobre a interferência do governo americano nas eleições deste ano. Os cães de ataque da Agência Central de inteligência (CIA), atuando no Brasil, já estão saltitando como coelhos em horta de cenouras. Há poucos dias, o comentarista Otávio Guedes, da GloboNews, afirmou que o candidato Flávio Bolsonaro havia sido subestimado. Na verdade, ele foi insuflado por pesquisas duvidosas. Os institutos dizem que visitaram duas centenas de municípios dentre os mais de 5,5 mil pelo país. Depois, basta jogar farinha no ventilador. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não fiscaliza coisa alguma, limitando-se a dar um número de registro a tal pesquisa. A CIA sabe muito bem como atuar na disseminação de propaganda política adversa, visando promover o confronto entre os eleitores polarizados.

» **Luis Cezar dos Santos**
Asa Sul

Fiat Elba

Em 1992, Fernando Collor foi envolvido no famoso caso do carro Fiat Elba de grande repercussão nacional, que acabou desembocando em sua renúncia à Presidência da República. Em 2007, o ex-governador Joaquim Roriz renunciou o mandato de senador por receio de ser cassado, no celeberrimo caso da “bezerra de ouro”, ao ser flagrado em escutas negociando R\$ 2,2 milhões com o então presidente do BRB. Quanta diferença: em 2026 várias autoridades políticas dão as mais estapafúrdias respostas, quando são interrogadas a respeito de suas ligações no fabuloso escândalo do Banco Master, tentando justificar suas ligações com Daniel Vercaro. Só que, hoje, as cifras fraudulentas não são do valor de um Fiat Elba ou de R\$ 2,2 milhões, mas sim, de vários bihões de reais. Sinal dos tempos!

» **Paulo Molina Prates**
Asa Norte

CNH

O Detran-DF passou a exigir a identificação digital para renovação da CNH. Então, criou uma taxa “06064 — Habilit — Capt digital/imagem” no valor de R\$ 53. Isso se soma ao absurdo da renovação do CNH de R\$ 144 e a

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Trump: “Não podemos permitir que lunáticos tenham armas”. Como dizia a minha ilustrada mãe, ao sabor de cujos ditados, sábios, eu fui criado: “Macaco não enxerga o seu rabo”.

Lauro A. C. Pinheiro — Asa Sul

Como dizer que a justiça foi feita quando é a sociedade quem pagará pelos crimes cometidos por autoridades, como é o caso da venda de espaços públicos para quitar os desvios ocorridos no Banco de Brasília? Se isso é justo, pouca coisa será crime.

Ana Amélia Santos — Asa Norte

Cada bomba jogada no Oriente Médio faz o preço do combustível explodir aqui, mas não é só isso. A família Bolsonaro privatizou refinarias. É por causa das privatizações que o governo não pode mais controlar o preço dos combustíveis dos postos. Sem o controle, os donos de postos aumentam o preço. Para fechar, a família Bolsonaro é a grande apoiadora de Trump e Netanyahu, os dois loucos que começaram essa guerra sem sentido. O bolsonarismo é uma bomba que ameaça o Brasil.

Gilberto Pereira Tiriba — Santos (SP)

Digam o que quiser, mas é inegável que o ministro Flávio Dino está pisando na unha encravada de muitos políticos, legisladores que ignoram o que é honestidade.

Maria Luiza Gomes — Jardim Botânico

A Semana Santa 2026 terá início em 29 de março, com a celebração de Domingo de Ramos, um dos períodos mais importantes do calendário cristão que se estenderá até o dia 5 de abril, com a Páscoa, quando se comemorará a Ressurreição do nosso Senhor, Jesus Cristo.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

emissão do documento físico, que sequer é enviado (não dá a opção de ter o documento virtual!). Isso sem falar na taxa de R\$ 120 cobrada junto ao IPVA, cujo boleto e documento sequer são enviados. Mas a maior aberração é que quem fez o novo RG já fez essa identificação digital, e tais dados estão disponíveis na Secretaria de Segurança do DF! Acordem MP, CLDF e TCDF!

» **Helio Santos**
Asa Sul

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br